

Três visitantes (Gn 18,1-15)

Prof. Dr. Matthias Grenzer

RESUMO

A seguinte pesquisa apresenta um estudo exegético de Gn 18,1-15 que busca descrever a beleza literária, o contexto sócio-histórico do mundo narrado e as dimensões teológicas do texto bíblico em questão.

Palavras-chave: Gênesis, Abraão, Sara, visita divina.

ABSTRACT

The following research presents an exegetical study of Gen 18,1-15 which tries to describe the literary beauty, the social-historical context of the narrative world and the theological dimensions of the biblical text here investigated.

Key words: Genesis, Abraham, Sarah, divine visit.

INTRODUÇÃO¹

Pensar o divino, ou seja, refletir sobre Deus em si, com o objetivo de querer garantir um resultado positivo a partir de nosso esforço intelectual e/ou espiritual, parece ser impossível, pois somos limitados à nossa condição humana; e Deus, como totalmente outro, é inalcançável para nós. Não obstante, conforme as tradições bíblicas, existe a possibilidade de Deus vir a nosso encontro, visitando o ser humano dentro de sua própria história.

¹ Este estudo foi apresentado como conferência no Simpósio Teológico no Centenário da Morte da Beata Elisabeth da Trindade, que teve como tema "A Trindade no Saber Teológico". Agradeço ao Centro Teresiano de Espiritualidade em São Roque e, sobretudo, a Frei Patrício Sciadini, O.C.D., pela possibilidade de poder ter participado desse evento.

Nasce, dessa forma, a “história da revelação” como resultado da graça divina. Ou seja: o que Deus estiver mesmo disposto a revelar de si, isso a pessoa humana tem como conhecer.

As tradições bíblicas, em seu conjunto, concentram-se justamente em contar como o Deus *lahweh* sempre se fez presente na história de seu povo. Por mais que esse Deus seja o Deus do mundo inteiro – e isso desde as origens (cf. Gn 1–11) –, a história de sua revelação passa, de modo especial, pela experiência paradigmática de seu “povo eleito”. Este, por sua vez, nasce e espelha-se no patriarca *Abraão* e na matriarca *Sara* (cf. o ciclo de narrativas em Gn 11,27–25,10 que tem *Abraão* e *Sara* como personagens centrais).

Dentre as narrativas sobre *Abraão* e *Sara*, conta-se uma história na qual o patriarca, ao *morar no Carvalho de Mambre*, recebe uma visita estranha (Gn 18,1-15). Segundo a narrativa, a visita é formada ora por três visitantes, ora por um só. Exatamente esse detalhe levou os cristãos, em sua releitura das tradições do Antigo Testamento, a verem nos “três visitantes divinos” um reflexo do Deus trino. Também a arte religiosa meditou essa tradição bíblica no mesmo sentido. Seja lembrado, sobretudo, o famoso ícone da Santíssima Trindade de Andrei Rublev, do século XV d.C., que apresenta três anjos em visita a *Abraão*.

Neste estudo, proponho-me a reler e interpretar a narrativa em Gn 18,1-15. A partir de um estudo literário-histórico, procurarei pelos motivos teológicos centrais. Ou seja: como o texto imagina a aproximação de Deus ao ser humano? E como a pessoa humana pode acolher favoravelmente, assim como *Abraão*, o divino em sua vida cotidiana? Começo com uma tradução literal que procura imitar os elementos estilísticos mais marcantes na narrativa hebraica.

TRADUÇÃO DO TEXTO HEBRAICO

- 1a** *E lahweh lhe apareceu junto aos carvalhos de Mambré,*
1b *quando ele estava sentado na entrada da tenda, no calor do dia.*
2a *Levantou seus olhos*
2b *e viu:*
2c *eis que três homens estavam parados diante dele.*
2d *Viu(-os)*

- 2e e, da entrada da tenda, correu ao encontro deles.
2f Lançou-se por terra
3a e disse:
3b “Meu senhor, se encontrei graça em teus olhos,
3c então não passes junto de teu servo (sem te deteres).
4a Que seja pego um pouco de água:
4b lavareis vossos pés
4c e reclinar-vos-eis sob a árvore.
5a Pegarei um pedaço de pão
5b e reconfortareis vosso coração.
5c Em seguida, passareis (de mim)!
5d Pois foi por isso que passastes junto de vosso servo”.
5e Disseram:
5f “Que prepares (tudo) assim,
5g como disseste!”
6a Abraão apressou-se rumo à tenda, junto a Sara,
6b e disse:
6c “Apressa-te!
6d Amassa três medidas de farinha, da flor de farinha,
6e e prepara fogaças!”
7a E Abraão correu ao gado,
7b pegou um bezerro tenro e bom
7c e deu(-o) ao criado,
7d para que se apressasse, a fim de prepará-lo.
8a Pegou coalhada e leite,
8b assim como o bezerro que tinha preparado,
8c e deu a eles.
8d Ele, porém, ficou de pé diante deles, sob a árvore.
8e E comeram.
9a Disseram-lhe:
9b “Onde está Sara, tua mulher?”
9c Disse:
9d “Por certo, na tenda!”
10a E disse:
10b “De fato, voltarei a ti conforme o tempo da vida,
10c e, por certo, haverá um filho para Sara, tua mulher!”
10d Sara estava ouvindo na entrada da tenda,
10e pois ele estava atrás desta última.

- 11a** *Ora, Abraão e Sara eram velhos, avançados em dias.*
11b *E Sara cessou de ter o que as mulheres de costume têm.*
12a *Por isso, Sara riu-se em seu íntimo, dizendo:*
12b *“Após ter me desgastado, haverá ainda prazer para mim?”*
12c *E velho é também meu senhor!”*
13a *Mas lahweh disse a Abraão:*
13b *“Por que isso?*
13c *Sara riu, dizendo:*
13d *‘Será que realmente ainda darei à luz,*
13e *já que sou velha?’*
14a *Por acaso, existe algo maravilhoso demais para lahweh?*
14b *Voltarei a ti, nesta data, conforme o tempo da vida,*
14c *e haverá um filho para Sara!”*
15a *Sara contestou, dizendo:*
15b *“Não ri!”,*
15c *porque teve medo.*
15d *Mas (ele) disse:*
15e *“Sim, realmente riste!”*

A SITUAÇÃO DE VIDA DO CASAL

Desde seu início, as narrativas do livro de Gênesis estabelecem, de forma literária, um determinado contexto histórico-geográfico e uma história de vida toda particular para as personagens da família patriarcal. Por sua vez, isso significa que, quando o leitor chega à leitura de Gn 18, já está consciente do ambiente e dos sofrimentos enfrentados por *Abraão* e *Sara*. É importante estar a par desse contexto, pois, segundo as dimensões teológicas das tradições bíblicas, Deus vai ao encontro de *Abraão* e *Sara* respeitando a concretude da vida cotidiana deles.

Seja focada, primeiramente, *Sara*. Desde o início da narrativa patriarcal, mantém-se a situação da *mulher de Abraão* como delineada em Gn 11,30: *Sara era estéril, não houve uma criança para ela*. De fato, o tema da descendência estabelece – além da questão do bem-estar material (veja a posse de terra e a aquisição de riquezas) – o assunto principal que perpassa todo o conjunto da história dos patriarcas. Mais ainda: de forma constante, os textos realçam o fator de insegurança que acompanha essas duas temáticas, tornando assim bem visível a importância da

descendência e da posse de terra para a sobrevivência do ser humano no Antigo Oriente.²

De modo especial, a falta de filhos coloca em risco a existência de *Sara*. No caso, nem a instituição do matrimônio garantia-lhe uma identidade. Pois numa sociedade patrilinear, que “faz da relação entre pai e filho a base da ordem social e da descendência, (...) a integração [da mulher na família do marido] dá-se apenas quando gera filhos para essa linhagem”.³ Mais ainda: “de acordo com a tradição do Antigo Oriente, (...) a causa da esterilidade é procurada na mulher. (...) Portanto, a falta de filhos significava, naquele tempo, sempre uma diminuição social e familiar para a mulher”.⁴

E *Abraão*? Também ele é atingido por uma série de dificuldades e carências. Como *Sara*, o patriarca está longe *de sua terra, de sua parentela e da casa de seu pai* (Gn 12,1). Aliás, seja dito de passagem que o conjunto das histórias de *Abraão* e *Sara* vê *Taré* como *pai* dos dois, apesar de o nome deste último não ser mencionado no momento da apresentação de *Sara* como *mulher de Abraão* (cf. Gn 11,29). No entanto, a fala do patriarca em Gn 20,12 – caso não seja interpretada como mentira – dá a idéia de *Sara* ser a *irmã de Abraão*, por ser *filha do mesmo pai, sem, porém, ser filha da mesma mãe*.⁵

De toda forma, *Abraão* e *Sara* chegam à *terra de Canaã* – sem o *pai*, mas com o *sobrinho Ló* – como imigrantes, já em idade avançada. *Abraão* está com *setenta e cinco anos* (Gn 12,4), *Sara* com dez anos a menos (cf. Gn 17,17). Segue-se uma vida em condição de *hóspede estrangeiro*, ou seja, *residente* que depende da *solidariedade* dos moradores nascidos na região, porém, sem gozar exatamente dos mesmos direitos (cf. Gn 21,23; 23,4; veja também Gn 19,9).

Ao cuidar de *sua mulher* e de *tudo o que possuía*, *Abraão* não tem como fugir das dificuldades que o novo ambiente lhe oferece. Assim faz a experiência da *fome* (cf. Gn 12,10), ou seja: “vindo da Mesopotâmia, uma terra irrigada por rios, no caso, o Eufrates e o Tigre, assim como seus

² Cf. Niels Peter LEMCHE, *Die Vorgeschichte Israels*, p. 22.

³ Suzana CHWARTS, *Uma visão da esterilidade na Bíblia Hebraica*, pp. 39 e 41 (acréscimo entre colchetes meu).

⁴ Niels Peter LEMCHE, *Die Vorgeschichte Israels*, p. 23.

⁵ Cf. Thomas HIEKE, *Die Genealogien der Genesis*, p. 127.

afluentes”, ele se encontra agora em “Canaã que depende da chuva, a qual, às vezes, falta durante um ano inteiro ou é insuficiente”.⁶ No mais, surgem *brigas entre os pastores dos rebanhos* por causa do espaço limitado (cf. Gn 13,7) ou de *usurpações irregulares de poços* (cf. Gn 21,25). Aparece até o perigo de uma invasão por inimigos de fora e, com isso, do rapto da pessoa e de *seus bens* (cf. Gn 14,12).

Entretanto, ouvindo *Abraão* lamuriar-se contra o Deus *lahweh*, os sofrimentos do patriarca parecem encontrar sua expressão máxima na falta de um filho: *Eu ando estéril (...). Eis que não me deste um descendente* (Gn 15,2-3). O conceito hebraico aqui traduzido como *estéril* “faz convergirem dois aspectos da esterilidade de Abraão: de um lado, foi desprovido de raízes; de outro, está desprovido de semente”.⁷ Ou seja: vivendo como imigrante na *terra de Canaã*, Abraão foi desenraizado *de sua terra, de sua parentela e da casa de seu pai* (cf. Gn 12,1). Agora somente pode criar novas raízes caso lhe nasça um filho no atual lugar, o que, por sua vez, no mínimo parece ser improvável. Mais ainda: à questão da *descendência* é ligada também a esperança pela posse da *terra*. Pois a narrativa patriarcal não prevê que *Abraão* iria se tornar dono de uma grande propriedade rural, mas que Deus providenciaria *terra* para a numerosa *descendência* do patriarca (cf. Gn 12,7).

Resta apontar para um último detalhe, antes da interpretação de Gn 18: a história de *Abraão* e *Sara* trabalha com a concepção de que o *descendente herdeiro* tão sonhado, carregador das promessas divinas, deve nascer da união desse casal. Ou seja: o lugar dele não será ocupado pelo *filho de Mesheq*, de nome *Damasco Eliezer*, o qual pertence à *casa de Abraão* (cf. Gn 15,2), nem por *Ismael*, filho que Abraão teve com a *serva egípcia de Sara*, chamada *Agar* (cf. Gn 16; 21,8-21). Pelo contrário: as narrativas insistem na circunstância de que a sorte de vida de *Abraão* se realize junto a *Sara*, sua esposa. Tal idéia é realçada até como vontade divina, quando o narrador apresenta Deus falando a *Abraão* sobre a matriarca: *Eu a abençoarei, e dela te darei um filho* (Gn 17,16).⁸

⁶ Heinrich KRAUSS e Max KÜCHLER, *Erzählungen der Bibel II*, p. 25.

⁷ Suzana CHWARTS, *Uma visão da esterilidade na Bíblia Hebraica*, p. 76.

⁸ Concordo com a seguinte opinião de Suzana CHWARTS (*Uma visão da esterilidade na Bíblia Hebraica*, p. 44, nota de rodapé 20): “A descendência da sociedade israelita antiga é definida por só uma linha, no caso, claramente pela linha masculina, ou seja, patrilinear. No entanto, (...) na gestação da linhagem ancestral, a ênfase está no cognatismo”.

VISITA MISTERIOSA

Toda a história patriarcal é marcada por encontros e diálogos entre o *Deus lahweh* e *Abraão*, o qual representa, por sua vez, o povo eleito. Em geral, Deus chega a comunicar-se diretamente com Abraão, de modo que o narrador formula: *lahweh disse (a Abraão)* (cf. Gn 12,1; 13,14; 18,17-33), *lahweh apareceu a Abraão e disse* (Gn 12,7; 17,1), *a palavra de lahweh foi dirigida a Abraão numa visão* (Gn 15,1), *Deus falou com ele* (Gn 17,3) ou *Deus (Ihe) disse (a Abraão)* (Gn 17,9.15.19; 21,12; 22,1). Num outro caso, dá-se a idéia de *o anjo de lahweh chamar o patriarca dos céus e dizer-lhe algo* (Gn 22,11s.15).⁹

Diante desse contexto literário, a cena em Gn 18,1-15 surpreende o leitor por apresentar um encontro entre *lahweh* e *Abraão*, de certa forma, diferente. Por mais que o texto anote, logo no início, que foi *lahweh* quem *apareceu* ao patriarca *junto aos carvalhos de Mambré* (v. 1a), o leitor logo se vê confrontado com a idéia de que *três homens estão parados diante de Abraão* (v. 2c). Assim, durante toda a narrativa, a visita é formada ora por três, ora por um só personagem. Estilisticamente isso significa que o autor troca o sujeito assim como o número dos verbos e dos sufixos pronominais. Estes últimos são traduzidos, em português, como pronomes possessivos ou pessoais. Assim o leitor é envolvido num processo de reflexão, a fim de identificar, cada vez de novo, a visita misteriosa.

Vale a pena acompanhar essas mudanças com mais paciência. O v. 1a parece ter a função de um título, pressupondo o contexto literário anterior. Em Gn 17,22, *lahweh tinha se retirado da presença de Abraão, após ter encerrado sua fala*. Por isso, faz sentido introduzi-lo agora novamente: *E lahweh lhe apareceu*, ou seja, outra vez procura por Abraão. *Acabando de falar com Abraão* em Gn 18,33, *lahweh ir-se-á* novamente embora. Portanto, é em forma de encontros e distanciamentos que a narrativa patriarcal descreve a relação de Deus para com Abraão.¹⁰

⁹ Em Gn 16,7-14, *o anjo de lahweh* vai ao encontro de *Agar* — a *serva egípcia de Sara* que, grávida e *humilhada*, *fugiu* de sua senhora — e dialoga com ela numa *fonte de água* no meio do *deserto*. *Agar* até demonstra consciência de que foi *lahweh quem falou* com ela (Gn 16,13). Mais tarde, *o anjo de Deus chama Agar*, novamente, *dos céus* para aconselhá-la e para salvar mãe e filho (cf. Gn 21,17s). Além de *Abraão* e *Agar*, Deus *vem* também ao encontro de *Abimelec, rei de Gerara*, para dialogar com ele num *sonho, durante a noite* (cf. Gn 20,3.6).

¹⁰ Também o pronome pessoal indireto *Ihe* no v. 1a, que se refere a *Abraão*, remete o leitor ao contexto literário anterior.

No v. 2c, a visita é de repente formada por *três homens*, sendo que o participio na frase nominal (*estavam parados*) e o pronome indireto (v. 2e: *deles*) reforçam a idéia da pluralidade. Não obstante, no início de sua fala direta, Abraão trata a visita novamente como se fosse uma pessoa só: chama-a de *meu senhor* (v. 3b). Em consequência disso, o verbo (v. 3c: *não passes*) e os pronomes (cf. v. 3b: *teus olhos* e v. 3c: *teu servo*) aparecem na segunda pessoa do singular. Mesmo assim, dentro da mesma fala direta, as coisas se invertem outra vez. Abraão muda o modo de dirigir-se aos visitantes, usando, dessa vez, a segunda pessoa do plural: veja as expressões *lavareis vossos pés* (v. 4b), *reclinar-vos-eis* (v. 4c), *reconfortareis vosso coração* (v. 5b), *passareis* (v. 5c), *passastes junto de vosso servo* (v. 5d).¹¹

Avançando, mantém-se agora, ao menos por certo tempo, a mesma perspectiva. A resposta dos visitantes a Abraão é introduzida com o verbo no plural: veja a palavra *disseram* no v. 5e. Depois disso, narra-se que o patriarca *ficou de pé diante deles* (v. 8d) e *deu a eles* os alimentos preparados (v. 8c), enquanto os três visitantes *comeram* (v. 8e). Ainda se coloca uma outra fala destes últimos a Abraão com o verbo no plural: confira a expressão *e disseram-lhe* no v. 9a.

Não obstante, daí até o final da narrativa, o texto volta à perspectiva contrária. No v. 10a, outro discurso de quem visita Abraão é apresentado com o verbo no singular: *e disse*. Da mesma forma, escuta-se agora, por duas vezes, a promessa de um só visitante: *Voltarei a ti!* (cf. v. 10b.14b). Anota-se ainda no v. 10e, com o uso do pronome pessoal na terceira pessoa do masculino singular, que *ele*, o visitante, *estava atrás da entrada da tenda*.¹² Com isso, a tensão do leitor, em vista da identidade da visita, aumenta outra vez. Todavia, a introdução da maior fala direta do visitante (v. 13b-14e), quase no final do texto, identifica o interlocutor do patriarca da mesma forma como a frase introdutória de toda a narrativa: era *lahweh* quem estava falando com *Abraão* (v. 13a).¹³

¹¹ O Pentateuco Samaritano lê todas as formas singulares no v. 3b.c como plurais, evitando, dessa forma, a incongruência. Todavia, o Texto Massorético, por apresentar a "lectio difficilior", parece merecer a preferência. A respeito dos termos técnicos da crítica textual, compare Edson de FARIA FRANCISCO, Manual da Bíblia Hebraica.

¹² O Pentateuco Samaritano e a Septuaginta facilitam a compreensão, apresentando o pronome pessoal na terceira pessoa do singular feminino: *ela*, ou seja, Sara *estava atrás da entrada da tenda*.

¹³ Em dois casos, o texto pode causar dúvidas no leitor. Será que *as três medidas de farinha* no v. 6d correspondam à idéia de *três homens* visitantes (v. 2c)? E a quem deve se atribuir a última fala direta a Sara, introduzida por: *mas disse* (v. 15d)? A *lahweh* ou a *Abraão*?

Enfim, a cena em Gn 18,1-15 trabalha com a idéia de que *Abraão* se encontra com *lahweh* quando acolhe os *três homens* em sua morada. São viajantes, ou seja, errantes, *passando* pelo patriarca (veja o triplice uso do verbo *passar* para descrever o movimento dos visitantes em v. 3c.5c.d). O termo *passagem* lembra até o divino *fogareiro fumegante e a tocha de fogo, a qual passou entre os animais divididos, no dia em que Deus estabeleceu uma aliança com Abraão* (cf. Gn 15,17s). Contudo, os *três homens* aproximam-se com cuidado. Não exigem nada, mas estão ali, *parados* (v. 2c), “como quem tem tudo a receber”.¹⁴ Deixam convidar-se. Mais ainda: da comunhão no momento da refeição (veja v. 8e: *e comeram*) nasce a promessa da *volta* (cf. v. 10b.14b), sendo que o retorno deva servir como sinal para a *maravilha* que *lahweh* está disposto a operar, em favor de *Abraão* e *Sara*.

Ainda assim, será que o leitor deve imaginar que os *três homens* são *lahweh* ou que “um dos três é o Senhor”?¹⁵ É impossível definir isso matematicamente, pois o próprio texto reflete sobre o divino de forma poética. Imagens metafóricas, porém, são limitadas. Não podem ser forçadas. Caso contrário, deixam de existir.

De toda forma, vale a pena observar como a imagem dos *três homens* continua nos episódios que seguem a cena da visita a *Abraão*. Anota-se, por primeiro, que *os homens se ergueram e que dirigiram seu olhar para Sodoma*, sendo que *Abraão caminhava com eles* (Gn 18,16). Nesse momento, o leitor já está à espera de uma visita bem diferente daquela a *Abraão*, pois *os homens de Sodoma eram malvados e grandes pecadores contra lahweh* (veja Gn 13,13; 18,20). Em relação aos *três homens* visitantes, por sua vez, acontece agora uma separação: aparentemente, dois dos *três homens caminham sozinho para Sodoma*, enquanto *Abraão se mantém diante lahweh* para um longo diálogo (veja Gn 18,22).

De fato, o leitor escuta depois que *lahweh, após ter acabado de falar com Abraão, se foi* (cf. Gn 18,33) e que apenas *dois anjos*, ou seja, *dois mensageiros chegaram a Sodoma* (cf. Gn 19,1.15). Estes últimos são chamados também de *homens* (cf. Gn 19,5.10.12.16) ou *homens de Deus* (cf. Gn 19,8). Eles mesmos apresentam-se como *destruidores enviados por lahweh* (cf. Gn 19,13). Todavia, mesmo a história da devastação de Sodo-

¹⁴ Pierre BRUNETTE, Nos passos de *Abraão*, p. 62.

¹⁵ Horst SEEBASS, Genesis I, p. 116.

ma trata os dois *homens* de repente no singular, como se fossem um só (cf. Gn 19,17-22). Além do mais, *Ló* chega a chamar os *dois anjos* de *meu Senhor*, da mesma forma que *Abraão* tinha se dirigido aos *três homens* (cf. Gn 19,18; 18,3b). Enfim, a idéia geral parece ser de que os *dois anjos* tenham a função de servir como instrumento para Deus, a fim de anunciarem os propósitos de *lahweh* e salvarem *Ló*. *lahweh*, por sua vez, no caso de Gn 19, é *quem destrói*, lá dos céus (cf. Gn 19,14.24s). Assim se cria uma relação de grande alcance teológico entre as duas visitas de Deus – ou seja, a visita a *Abraão* (Gn 18,1-15) e a visita a *Sodoma* (Gn 19,1-29) –, que pode ser resumida da seguinte forma: “Deus, mesmo quando deve suprimir, de alguma forma, um arranjo de vida que não tem mais remédio, suscita concomitantemente a vida”.¹⁶

CONCLUSÃO: ACOLHIDA NÃO LIVRE DE TENSÕES

lahweh aparece a *Abraão* (v. 1a). *Passa junto dele* (v. 5d). Mais ainda: *fica parado diante* do patriarca (confira v. 2c). E tudo isso através de ou em *três homens* (v. 2c). Nesse instante, o futuro começa a depender também da atitude de *Abraão*. Vale a pena contemplar, junto ao texto bíblico, como o “impulso generoso” do patriarca é capaz de “abolir a distância”.¹⁷

Três homens não identificados! Não se podia escolher uma designação mais genérica. A narrativa não diz se são de longe ou de perto, estrangeiros ou de um lugar vizinho. Estão, simplesmente, de *passagem* (v. 3c.5c.d).

Desde Gn 13,18, o *hebreu Abraão* mora nos *Carvalhos de Mambré*, que estão em *Hebron*. *Mambré* era um *amorreu*, solidário com *Abraão* (Gn 14,13). Junto a *Aner* e *Escol*, *Mambré* fazia parte dos três (!) *homens* que acompanharam *Abraão*, além de seus *criados*, a fim de libertar *Ló*, o sobrinho do patriarca, no momento em que este tinha sido capturado (cf. Gn 14,24).

Hebron é um lugar no sul de Israel, numa região semidesértica. Até as caminhadas mais curtas são cansativas, sobretudo, *no calor do dia* (v. 1b). E, pelo que parece, os *três homens* estão a caminho de *Sodoma*, no sul da costa do Mar Morto. Ou seja: o caminho ainda é longo, pois “a

¹⁶ Paulo FERREIRA VALÉRIO, Da não-aniquilação do justo com os pecadores à aniquilação do justo em favor dos pecadores, p. 24.

¹⁷ Pierre BRUNETTE, Nos passos de *Abraão*, p. 62.

localização de Abraão revela uma distância considerável até a bacia do Mar Morto – somente até Engadi seriam 30 quilômetros de linha reta”.¹⁸

Em todo caso, *Abraão* oferece aos *três* visitantes inesperados a possibilidade de descanso, acompanhada de uma hospitalidade afetuosa. Nesse sentido, o patriarca segue à cerimônia festiva que se previa na cultura do Antigo Oriente para o recebimento de uma visita. O hospedador *corre ao encontro* do hóspede (v. 2e), *lança-se por terra* (v. 2f) e toca, com sua testa, o chão, formulando o convite de permanência: *Meu senhor, se encontrei graça em teus olhos, então não passes junto de teu servo sem te deteres* (v. 3b.c). Em seguida, o visitante pode *lavar seus pés* (v. 4b), algo bem prazeroso no *calor*. Sucede a tarefa de oferecer os melhores alimentos das reservas: no caso de Abraão, *pão* (v. 5a), *fogaças* feitas na hora (v. 6e), *coalhada e leite* (v. 8a) e a carne assada de *um bezerro tenro e bom* (v. 7b.8b). Um verdadeiro banquete! Além do mais, durante a estada, o dono da *casa* ou da *tenda* é responsável pela segurança do visitante, até correndo risco de morte (cf. Gn 19,9s). E no momento da partida, o hospedador *anda com* sua visita até que este saia da esfera de influência do primeiro (v. 16).¹⁹

Enfim, *Abraão* compreende-se como *servo* de sua visita (v.3c.5d). E não se trata de uma expressão polida ou de uma civilidade formal, pois a atuação de Abraão demonstra o contrário. O patriarca envolve até as outras pessoas no *serviço*, ou seja, nos trabalhos *preparativos* para a refeição – veja o verbo *preparar* em v. 5f.6e.7d.8b. *Todos se apressam*: confira a *pressa* de *Abraão* (v. 6a), a *pressa* de *Sara* (v. 6c) e a *pressa* do *criado* (v. 7d). As coisas estão sendo *pegas* – observe o verbo *pegar* em v. 4a.5a.7b.8a. No final, *Abraão fica de pé diante* dos visitantes, enquanto estes *comem* (v. 8d). Ou seja: faz companhia. Fica atento. Continua disposto a *servir*. Não obstante, a *pressa* das ações práticas termina agora. Dá-se lugar à conversa. E isso durante a refeição, no meio da vida cotidiana! “O ‘fazer por’ cede lugar ao ‘receber de’”.²⁰

Os *três homens* começam a interessar-se pelo casal. Contudo, a pergunta deles a Abraão surpreende: *Onde está Sara, tua mulher?* (v. 9b). Por um lado, a pergunta parece indelicada. Pois, conforme a cultura do Antigo

¹⁸ Horst SEEBASS, Genesis I, p. 121.

¹⁹ Cf. a descrição da hospitalidade no mundo antigo em Heinrich KRAUSS e Max KÜCHLER, *Erzählungen der Bibel II*, p. 61.

²⁰ Walter VOGELS, *Abraão e sua lenda*, p. 117.

Oriente, não era de esperar que Abraão apresentasse sua *mulher* à visita. Por outro lado, os visitantes conhecem o nome de Sara. De onde? Caso tenham ouvido a conversa entre *Abraão* e *Sara* (veja v.6a-e), não faz sentido eles perguntarem agora sobre o paradeiro da matriarca. A resposta de Abraão é curta, contrariamente a sua primeira fala aos visitantes: *Por certo, Sara está na tenda!* (v. 9d; compare v. 3b-5d).

Nasce uma tensão, capaz de provocar uma atenção maior: seja em *Abraão* e *Sara*, no nível do mundo narrado, seja no leitor em relação à narrativa. Como o contexto não fornece motivos de se imaginar alguma atitude negativa nos visitantes, somente se pode esperar que a causa da pergunta surpreendente sobre a *mulher de Abraão* se encontre em algo extraordinário, algo capaz de transcender a esfera comum.²¹ E, de fato, um dos *três homens*, apresentado como *lahweh* (veja v. 10a.13a), anuncia que *Sara* ainda *dará à luz um filho* (v. 10c.13d.14c). Surge, de acordo com os parâmetros humanos, uma esperança absurda, mas o visitante divino insiste na possibilidade de *lahweh* realizar algo tão *maravilhoso* (v. 14a). Como se pode acolher uma idéia dessa? O que dizer a um visitante desconhecido – alguém que está apenas de *passagem* –, quando insiste nas *maravilhas* de Deus?

No caso de Gn 18,1-15, não se relata nada sobre a reação de *Abraão*. Não obstante, o leitor ainda está lembrado de que *Abraão*, na narrativa anterior, *caiu com o rosto por terra e riu* (cf. Gn 17,17), quando ouviu *Deus* dizer que, de *Sara*, ainda *lhe daria um filho* (veja Gn 17,16.19.21). Dessa vez é *Sara* quem *ri* (v. 12a.13c). A matriarca duvida de ter condições biológicas para *ainda dar à luz* (v. 13d) e descreve, com uma boa porção de humor, seu próprio *desgaste* (v. 12b), assim como sua *velhice* (v. 13e) e também a *velhice* de seu marido (v. 12c; veja também v. 11a.b). Afinal, *Abraão* está agora com *noventa e nove anos* (cf. Gn 17,24) e *Sara* tem apenas dez anos a menos (veja Gn 17,17).

Em contrapartida, a visita divina insiste no milagre: *haverá ainda um filho para Sara* (v. 10c.14c). Reforça-se, dessa forma, a idéia da prevalência dos propósitos e do poder de Deus. Imaginando, porém, uma única vez que talvez não haja mesmo limites para as *maravilhas de lahweh* (v. 14a), o ser humano assusta-se. Fica tomado do *temor* de Deus (v. 15c) e prefere

²¹ Cf. Horst SEEBASS, Genesis I, p. 123.

desmanchar seu *riso* (v. 15b). Basta hospedar *três* visitantes que começam a falar das *graças* reservadas por *lahweh* a seu povo.

Prof. Dr. Matthias Grenzer

Doutor em Teologia Bíblica pela Faculdade de Filosofia e Teologia St. Georgen em Frankfurt/Alemanha. Leciona na Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção e na Faculdade de Teologia Pio XI, ambas em São Paulo, assim como na Faculdade de Filosofia e Teologia Paulo VI, em Mogi das Cruzes (SP), e no Seminário Maria Mater Ecclesiae do Brasil, em Itapeceira (SP).

BIBLIOGRAFIA

- BRUNETTE, Pierre. Nos passos de Abraão. São Paulo: Paulinas, (2. ed.) 2004 (Estudos Bíblicos).
- CHWARTS, Suzana. Uma visão da esterilidade na Bíblia Hebraica. São Paulo: Humanitas, 2004 (Judaica).
- FARIA FRANCISCO, Edson de. Manual da Bíblia Hebraica. Introdução ao Texto Massorético. Guia introdutório para a Bíblia Hebraica Stuttgartensia. São Paulo: Vida Nova, (2. ed.) 2005.
- FERREIRA VALÉRIO, Paulo. Da não-aniquilação do justo com os pecadores à aniquilação do justo em favor dos pecadores. Justiça e misericórdia na ação salvífica de Deus em Gn 18,16-33 e Is 52,13–53,12. Rio de Janeiro: PUC – Departamento de Teologia, 2003 (Tese de doutorado). Publicação até o final de 2006 como: FERREIRA VALÉRIO, Paulo. Deus justo e misericordioso. Na experiência de Abraão e do Servo Sofredor. São Paulo: Paulinas (Exegese).
- HIEKE, Thomas. Die Genealogien der Genesis. Freiburg im Breisgau: Herder, 2003 (Herders Biblische Studien, 39).
- KRAUSS, Heinrich; KÜCHLER, Max. Erzählungen der Bibel II. Das Buch Genesis in literarischer Perspektive. Abraham – Isaak – Jakob. Freiburg Schweiz: Paulusverlag, 2004.
- LEMICHE, Niels Peter. Die Vorgeschichte Israels. Von den Anfängen bis zum Ausgang des 13. Jahrhunderts v. Chr. Stuttgart: Kohlhammer, 1996 (Biblische Enzyklopädie, 1).
- SEEBASS, Horst. Genesis II. Vätergeschichte I (11,27–22,24). Neukirchen-Vluyn: Neukirchner, 1997.
- VOGELS, Walter. Abraão e sua lenda. Gênesis 12,1–25,11. São Paulo, Loyola, 2000 (Bíblica Loyola, 30).